

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JAMILLA GRANJA DO VALE

A HISTÓRIA DA SECA NA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Picos, PI

2015

JAMILLA GRANJA DO VALE

A HISTÓRIA DA SECA NA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em História, realizado sob a orientação da Prof.a Dr.a Ana Maria Koch.

Picos

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

V149h Vale, Jamilla Granja do.

A história da seca na poesia de Patativa do Assaré / Jamilla Granja do Vale. – 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (39 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

Orientador(A): Prof.^a Dra. Ana Maria Koch

1. Patativa do Assaré-Poeta. 2. Seca-Ceará (1932). 3. Seca-História-Literatura. I. Título.

CDD 981.31

JAMILLA GRANJA DO VALE

A HISTÓRIA DA SECA NA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em História, realizado sob a orientação da Prof.^a Dr.^a. Ana Maria Koch.

Aprovada em: _____ / _____ / _____



Prof.^a. Orientadora Dr.^a. Ana Maria Koch.



Prof.^a. Karla Íngred Pinheiro de Oliveira.



Prof.^o. Samairkon Silva de Oliveira Alves.

Dedico este trabalho à todos que produzem
e apreciam Literatura Popular Nordestina.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Dra. Ana Maria Koch, pela paciência dedicada a mim.

Ao poeta Patativa do Assaré, pela inspiração deixada em cada um dos seus poemas que tanto me fascinaram.

Ao meu esposo, Antônio Carlos, um grande historiador que me ensinou tanto sobre a vida e me direcionou para o caminho certo.

Aos meus filhos, Ísis e Murilo, que souberam compreender a minha ausência nesses anos de estudo.

Aos meus amigos da Universidade que tornaram a minha jornada mais alegre e divertida. Especialmente Maria Karolina de Carvalho, Wanderson Costa Silva e Antonia Auzinete de Oliveira Duarte, que tornaram-se meus irmãos.

Aos demais professores dessa Instituição, que contribuíram para que eu realizasse essa pesquisa.

Ao meu colega de sala Carlos Eduardo Brandão, que me ajudou a desenvolver esse texto.

À todos que, de alguma forma contribuíram para o meu sucesso, muito obrigada.

Em riba do carro se junta a família;

Chegou o triste dia,

Já vai viajá.

A seca terrível que tudo devora,

Lhe bota pra fora da terra natá.

PATATIVA DO ASSARÉ

RESUMO

O presente trabalho busca compreender o fenômeno da seca no Ceará em 1932, sob a ótica da poesia de Patativa do Assaré, poeta nordestino que vivenciou as peculiaridades da região nordeste e desenvolveu uma narrativa que contribuiu para a construção da identidade nordestina. Empreendemos uma pesquisa em dois campos distintos de conhecimento: a História e a Literatura, assim foi possível traçarmos uma comparação entre as formas de abordagens de historiadores e literatos para a construção de uma interpretação da história da seca nordestina.

Palavras-chave: Seca. História. Literatura.

ABSTRACT

This paper seeks to understand the phenomenon of drought in Ceará in 1932, from the perspective of Patativa of poetry Assaré, northeastern poet who experienced the peculiarities of the northeast region and developed a narrative that contributes to the construction of the Northeastern identity. We undertook a survey in two distinct fields of knowledge: history and literature, so it was possible to draw a comparison between the ways of approaches historians and writers for the construction of an interpretation of the history of the Northeastern drought.

Keywords: Drought. History. Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 HISTÓRIA E LITERATURA DE PATATIVA DO ASSARÉ.....	13
2.1 <i>A linguagem de Patativa do Assaré.....</i>	18
2.2 A poesia no contexto da Literatura Regional.....	19
3 TERRAS ALHEIAS, OUTROS COSTUMES.....	21
3.1 Os retirantes na contramão do progresso	22
3.2 <i>As construções do Governo.....</i>	24
3.3 Há razão para <i>recramá.....</i>	26
4 CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS.....	33

1 INTRODUÇÃO

A curiosidade para a pesquisa historiográfica parte do ponto de vista do pesquisador acerca de determinado acontecimento que o chamou atenção por quaisquer motivos, o historiador é movido pela subjetividade de suas inquietações. O personagem principal dessa trama que se desenrolará ao longo deste trabalho é o poeta nordestino Patativa do Assaré, suas produções poéticas serão o nosso ponto de partida.

Enquanto nordestina, o desejo de procurar investigar um fato tão próximo a nós se entrelaçou ao desejo de buscar refúgio na Literatura para contextualizar as ideias que circulavam nas produções artísticas acerca da seca que vitimou tantos indivíduos no sertão do nordeste. Lançando mão de todo o conhecimento histórico e historiográfico obtido ao longo do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí, admitimos a possibilidade de articular a Literatura como subsídio especial para a construção do saber histórico; nosso objetivo foi o de estabelecer um novo viés para a compreensão da História da seca no Ceará. O recorte temporal, por isso, debruça-se sobre a seca de 1932, ano em que mais uma vez a estiagem contribuiu para grandes transformações na vida da população.

É importante ressaltar que a seca constitui uma grande calamidade pública. Mas não devemos considerar os flagelados como seres inanimados apáticos aos acontecimentos. Estes são agentes participantes e atuantes no processo no qual estão inseridos. Suas ações diante da seca servem de subsídio para percebermos sua participação ativa no processo histórico. A prática de saques, as reivindicações e a recusa em abandonar seus hábitos rurais são indícios de que os agricultores também são agentes de sua própria história.

A Literatura, nessa pesquisa, servirá de apoio para percebermos as peculiaridades da região nordeste. Patativa do Assaré detalhou a riqueza cultural e a pobreza material dessa região, com a licença concedida aos poetas de uma fala livre, não oprimida pelo formalismo. O nordeste ganhou maior visibilidade a partir de 1930, quando a Literatura passou a compreender a subjetividade coletiva na busca pela visão e representação do real. Todas as angústias dos nordestinos tornaram-se uma ferramenta poderosa de difusão da cultura, pautada nas artes produzidas nessa região.

O nordeste passou a ser assim chamado, oficialmente, em 1938 quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), levando em consideração fatores como: relevo, clima e vegetação, propôs a regionalização oficial do Brasil. Albuquerque Jr. (2006, p. 68), no entanto, aponta para o uso do termo nordeste desde 1919 para designar a parte do norte, a mais sujeita à estiagem e, portanto, mais carente de atenção por parte do poder público. Percebemos assim, que esta região teve sempre a seca como fator de identificação.

Para a realização deste trabalho empreendemos uma pesquisa bibliográfica em dois campos de conhecimento distintos, a História e a Literatura. Teóricos das duas áreas contribuíram para a compreensão dos conceitos fundamentais, construindo uma ponte entre o saber historiográfico e o saber literário. Essa ponte possibilitou uma comparação na forma como a temática da seca é representada respectivamente, por historiadores e por Patativa do Assaré enquanto literato.

Para obter fundamentos literários que norteassem essa pesquisa foi fundamental a leitura do livro de Carlos Reis, *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos estudos literários*. A partir dessa reflexão foi possível compreender a Literatura institucionalizada, enquanto campo de conhecimento repleto de sentidos e formas possíveis de ser interpretadas.

Este trabalho apresenta dois capítulos. O primeiro aborda questões referentes à articulação entre História e Literatura, fazendo dessa união uma nova maneira de pensar a seca no nordeste. Com a pesquisa realizada no campo da Literatura, procuramos também identificar a estética literária existente na poesia de Patativa do Assaré, bem como suas estratégias e sua maneira de narrar. Essas características são importantes para justificar Patativa do Assaré como poeta brasileiro e, especificamente, como poeta nordestino.

O segundo capítulo limita-se ao tema da seca e a sua complexidade. Buscamos nos poemas de Patativa do Assaré aspectos que também são tratados por historiadores. Assim fundamentaremos a ideia de que a Literatura sendo ficcional, é construída de acordo com a realidade da existência humana, incluindo todos os absurdos e calamidades.

Ainda no segundo capítulo levantaremos a discussão acerca das relações que se estabeleceram entre retirantes e habitantes da capital cearense no contexto de 1932. Atentando para o fato de que essas relações constituem uma série de

conflitos provocados pela diferença cultural desses dois grupos. Para entendermos os motivos dos conflitos referentes à imposição da mudança dos costumes, buscaremos argumentos em E. P. Thompson, no livro *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Assim, apreendemos o quanto os costumes estão impregnados na essência humana, e assimilamos o termo *Costume* à boa parte do significado da palavra *Cultura*. (THOMPSON, 1998, p. 14)

A temática da seca nos conduziu a outros enfoques referentes às medidas tomadas pelo poder público para evitar o caos na capital cearense. Entre as medidas estão as frentes de trabalho e o cercamento de grandes áreas para isolar os retirantes do restante da população. Eram os chamados *Campos de Concentração*, locais onde ocorriam muitos conflitos, “funcionavam como uma prisão.” (Rios, 2001, p. 59)

A motivação para essa pesquisa veio do fascínio pela Literatura enquanto veículo de difusão das práticas e da cultura regionalista. Arelada ao conhecimento histórico, as poesias de Patativa do Assaré, constituem uma visão de nordeste conectada ao fator da seca mas que, para além disso, expressa o modo de vida dos nordestinos.

2 A HISTÓRIA E A LITERATURA DE PATATIVA DO ASSARÉ

A vida humana, individual e coletiva, é uma condição para a escrita da Literatura. Esta se baseia em eventos experienciados pela humanidade. O que importa ao historiador que pretenda apoiar-se em textos literários para construção da História, não é a realidade dos fatos, mas as improváveis condições da existência humana. Assim, a Literatura nos familiariza com o meio social correspondente à nossa pesquisa. Para Nicolau Sevcenko, tal “é o caminho pelo qual a literatura se presta como um índice admirável, e em certos momentos privilegiado, para o estudo da história social” (SEVCENKO, 2003, p. 31).

A Narrativa Literária interage com o seu tempo histórico, sendo assim é possível estabelecer o diálogo entre a História e a Literatura. Os historiadores têm assumido novos caminhos para o desenvolvimento da pesquisa histórica. As novas possibilidades mostram que é possível construir uma narrativa histórica fundamentada em intermediações entre a História e outras disciplinas, resultando em uma infinidade de novos estudos. A Literatura, em particular, preservou memórias que só depois de 1920 com a *Escola dos Annales*, estão sendo associadas à cientificidade do campo historiográfico. Essas mudanças historiográficas possibilitaram a construção da História interdisciplinar. Logo, ampliaram-se as possibilidades de escolha dos objetos de estudo.

A cientificidade é também tema recorrente na Literatura enquanto instituição. Através da *Teoria da Narrativa* (1999), de Carlos Reis, abordada no livro *O conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários* temos a oportunidade de compreender a estética literária de cada um dos autores e assim usar os gêneros literários como suporte para nossas pesquisas. A legitimidade do uso da Literatura como fonte para compreendermos aspectos da História sofre os mesmos questionamentos aplicados a outras fontes convencionais. Cabe internalizar a ideia de que a verdade e a ficção estão sempre muito próximas, mesmo em pesquisa histórica. O uso da linguagem expressa em textos literários como fonte de estudo não diminui a importância da História, mas a enriquece e a complementa.

Compreendemos que a Literatura acompanha as transformações da sociedade. Porém, de acordo com Nicolau Sevcenko, em alguns momentos foram os intelectuais os principais responsáveis por essas transformações. No final do século XIX os intelectuais brasileiros perceberam o seu poder de ação e passaram a

lutar contra o analfabetismo. (SEVCENKO, 2003, p. 119) Dessa maneira a massa teria acesso às inovações daquela época, que giravam em torno da modernidade, baseada no modelo europeu. As metrópoles brasileiras adotaram comportamentos que estavam em voga em outras partes do mundo consideradas mais avançadas materialmente. Essa atitude acabou desvalorizando naquela época as nossas raízes culturais.

A produção literária do fim do século XIX fazia-se, em grande parte, por intelectuais elitizados. Muitos deles filhos de famílias abastadas, que terminaram seus estudos fora do Brasil. Esses jovens intelectuais trouxeram na mala novos conceitos para a construção de uma sociedade civilizada. Esse novo estilo de vida espalhou-se por todo o país. Tanísio Vieira atenta para o ideal de modernidade vivido pela capital cearense em fins do século XIX e início do século XX. Os novos padrões de comportamento e vestimentas configuravam uma atualidade dotada de bom gosto e requinte. Os costumes tradicionais passaram, para aqueles que aceitaram os costumes importados, a representar vícios e crimes a ser combatidos. Fortaleza, assim como outras capitais no fim do século XIX, moldava-se aos novos padrões civilizatórios. A modernidade exigia novos espaços de sociabilidade e mudança nos hábitos. Começou a se formar uma infinidade de diferenças entre o viver nas cidades mais modernas e o viver no campo, independentemente do nível social.

Em contrapartida, em meio a esse processo de mudança de hábitos e de rotina, a Literatura perdeu o seu propósito de mostrar a essência das regiões brasileiras. Assim ela “se adaptaria ao mundo, não o mundo a ela” [...] (SEVECENKO, 2003, p. 123) Essa crise deu espaço para o florescimento de uma nova fase literária, que valorizava a nação e, por consequência as diferentes regiões e suas especificidades. Houve no início do século XX, por esse novo tratamento, uma retomada dos temas regionalistas. A Literatura faz, portanto, o caminho inverso e volta a preocupar-se com os temas considerados genuinamente brasileiros.

As peculiaridades regionais são motivo de grande interesse nessa pesquisa que propõe a busca de significados para a construção de um passado por meio de fontes literárias. Encontramos fundamentos em Peter Gay, que em *O Estilo na História*, nos mostra que estilo é algo inerente ao historiador.

Enquanto os historiadores possuem estilos, os literatos elaboram estéticas que são construídas acompanhando as mudanças políticas e econômicas da sociedade. Podemos perceber como as técnicas da narrativa são uma característica da literatura institucionalizada; Carlos Reis, salienta:

*Assim, escrever literatura é na esmagadora maioria das vezes e raras exceções, um acto deliberadamente **estético**, que o escritor é o primeiro a reconhecer como tal. Esse acto requer, antes de mais, um determinado índice de competência **técnico-artística**, que o escritor pode cultivar ou aperfeiçoar de formas variadas, quando, por exemplo, retoma e reelabora textos anteriormente escritos, que procura depurar (REIS, 1999, p. 103).*

Com relação a essa competência técnico-artística que deve ser aperfeiçoada pelo escritor de várias formas, abre-se a janela para outro debate. No caso de Patativa do Assaré, que passou apenas seis meses na escola, o termo autodidata – ou seja, uma pessoa que aprende sozinha – está bem empregado. Suas obras, porém, são dotadas de uma estética que lembra a poesia de Juvenal Galeno¹. Este por sua vez manteve contato com escritores de sua época, entre eles: Machado de Assis, Saldanha Marinho, Melo Moraes, Quintino Bocaiúva e principalmente Gonçalves Dias. Assim é possível levantar a hipótese de que a Literatura está interligada e conectada, pelo escritor que leu trabalhos de outros, do seu próprio tempo e antecessores. Por isso, não podemos descartar a possibilidade de Patativa do Assaré escrever de maneira semelhante à simplicidade regionalista que Juvenal Galeno escrevia em 1865.

No momento em que tratamos das relações entre escritores de uma mesma época, estamos lidando com o conceito de geração literária. Sobre isso Carlos Reis aponta uma análise de Julius Peterson, que especifica da seguinte forma o conceito de geração:

*Mais específica, quanto às implicações propriamente literárias do conceito de geração, é a análise de Julius Peterson: de acordo com esse autor, é possível estabelecer factores de diversa ordem, que explicam o aparecimento de uma **geração literária**. Entre esses fatores destacam-se: a data de nascimento dos escritores da geração, capaz de suscitar uma proximidade etária que favorece (mas*

¹ Escritor cearense, considerado o patriarca da poesia popular e pioneiro do folclore no nordeste do Brasil. Entre suas obras estão: *Lendas e Canções Populares* e *Cenas Populares*. O foco principal de sua obra é o cotidiano do nordestino.

não determina necessariamente) atitudes solidárias; uma certa comunhão de **orientações pedagógicas**, designadamente no que toca à consonância de componentes de formação cultural e ideológica; a vivência de **problemas comuns** (eventos políticos, históricos, etc.), estimulando posicionamentos e intervenções conjuntas; o reconhecimento, até mesmo o acatamento de um **guia intelectual**, figura muitas vezes carismática que lidera esses posicionamentos e intervenções; a criação de uma linguagem própria, termo entendido numa acepção lata, mas privilegiando sobretudo a vigência de estratégias e códigos artísticos específicos e quase sempre inovadores; a desagregação da geração procedente frequentemente provocada ou acelerada por uma geração nascente [...] (REIS, 1999, p. 386).

A ideia da construção de uma geração literária por meio do contato entre os escritores justificaria a estética de Juvenal Galeno. Este se relacionou com grandes escritores literários do fim do século XIX. Para justificar a herança literária de Juvenal Galeno em Patativa do Assaré precisamos nos basear na vivência de problemas comuns aos dois. Ambos eram cearenses e conheceram as especificidades culturais, econômicas e políticas do Ceará. Patativa do Assaré percebeu a afinidade literária entre sua própria produção e a de Juvenal Galeno, expressa na poesia *Seu dotô me conhece?*

*Sou ele todo, em carne e osso,
Muntas vez não tenho almoço
Nem também o que jantá;
Eu sou aquele recêro,
Sem camisa e sem dinheiro,
Cantado por Juvená.*

*Sim, por juvená galeno,
O poeta aquele geno,
O maior dos trovadô
Aquele coração nobre
Que a minha vida pobre
Munto sentido cantou (PATATIVA DO ASSARÉ, 2011, p. 116).*

Os versos indicam que as afinidades regionais entre os dois literatos são imprescindíveis para que Patativa do Assaré legitimasse Juvenal Galeno como um poeta digno de ser chamado de gênio, por dar visibilidade ao sertão e ao sertanejo. Patativa do Assaré ainda denominava Juvenal Galeno de trovador da mesma maneira pela qual se autodenominou no título do seu livro: *Cante lá que eu canto cá:*

Filosofia de um trovador nordestino. De acordo com Segismundo Spina², trovadores eram aqueles que “tinham conhecimentos não só da arte poética e de retórica, mas da arte musical.” (1996, p. 82) Quanto à arte musical, Patativa do Assaré decerto a praticava, pois algumas de suas poesias foram musicadas por ele mesmo e por cantores renomados.

Diante do processo de descoberta da estética de Patativa do Assaré como detentora de aspectos que nos faz lembrar a estética de Juvenal Galeno, foram expostos muitos pontos em comum. Ambos eram poetas populares, davam preferência aos motivos rurais e traçavam o perfil do sertanejo enaltecendo sua honestidade e disposição para a labuta. A natureza constitui o pano de fundo do livro *Cenas Populares*,³ de Juvenal Galeno. O autor destaca as cenas do cotidiano dos personagens rurais do nordeste do Brasil. Essa literatura regional ressaltou, além das características naturais, alguns personagens que se tornaram estereótipos culturais da região, como o vaqueiro.

Tanto Patativa do Assaré quanto Juvenal Galeno escreveram poemas relacionadas à profissão de vaqueiro, tão comum no nordeste. Traçamos uma comparação entre o poema de Juvenal Galeno intitulado *O vaqueiro* e o poema de Patativa Do Assaré, que recebeu o título de *O vaquêro*. Em ambos os casos a narrativa concentra-se na primeira pessoa, sendo o próprio vaqueiro o narrador de suas aventuras. Fala das suas vestes de couro e do perigo não temido nos galopes do cavalo perseguindo as reses. Ser vaqueiro, nos dois poemas, constitui um privilégio almejado pelas crianças. Tanto Patativa do Assaré quanto Juvenal Galeno caracteriza o vaqueiro como corajoso, honesto e muito trabalhador⁴.

A linguagem formal, a semântica, os efeitos rimáticos são alguns indicativos de legitimação da literalidade. Nesse sentido a poesia de Patativa do Assaré não está dentro do padrão normativo, já que não apresenta linguagem rebuscada. Contudo, quem determinará se esse discurso é dotado de literalidade, são os efeitos que ele produz em sua instância receptora⁵, que nada mais é que o leitor, levando em consideração todos os seus elementos de contextualização.

² Professor Emérito da Universidade de São Paulo, formado em Letras Clássicas.

³ Primeira edição de 1871; e segunda de 1902.

⁴ Os dois poemas estão em anexo.

⁵ Carlos Reis aponta para Estudos literários modernos, que sugerem teorias que vão além das teorias de natureza formalista e essencialista, em outras palavras, a linguagem formal não é o único meio de expressão nos textos literários.

2.1 A linguagem de Patativa do Assaré

Não poderia prosseguir com esse texto, sem antes sanar uma inquietação referente à literalidade do discurso. Como classificar um texto como literário ou não literário? E no caso do uso da linguagem coloquial, isso desclassifica o texto ou o seu autor? Essas são questões por demais complexas e dividem opiniões de teóricos da Literatura.

A título de exemplo selecionamos uma estrofe da poesia de Patativa, intitulada *A triste partida*, onde ele estabelece a coerência necessária para que compreendamos sua mensagem literária.

Sem chuva na terra descamba janêro,
 Depois feverêro,
 E o mêrmo verão
 Entonce o recêro, pensando consigo,
 Diz: isso é castigo!
 Não chove mais não! (PATATIVA DO ASSARÉ, 2011, p. 89).

Os erros gramaticais, sob essa análise, constituem recursos de estilo literário. Ninguém pode afirmar que o autor não sabia escrever formalmente. Ao usar a linguagem informal do sertanejo, Patativa do Assaré estabeleceu uma comunicação com o leitor, isto é, com receptor final da poesia. Assim sendo, esses erros gramaticais constituem uma atitude literária e não desclassifica nem o poema nem o poeta, apesar do uso de linguagem coloquial do interior nordestino brasileiro ser diferente da gramática normativa que representou a atitude correta no meio poético. Em meados do século XIX um poeta chamado Júlio Ribeiro⁶ em *Cartas Sertanejas*, observou que, sendo a alteração da fala um processo natural, o uso dessa linguagem culturalmente construída torna-se uma autoridade decisiva. É o poeta quem decide se usa ou não um vocabulário rústico, objetivando causar uma aproximação entre a obra e o leitor. O público alvo dessa Literatura é o povo, instância que mais compreende as manifestações culturais e a realidade do sertão. Sobre o estilo regional de escrever Literatura, Albuquerque Jr. (2006, p. 114) comenta:

Para ver e dizer a região 'como ela era' estes autores pretendem estabelecer um estilo regional que beberá nestas fontes populares. Este estilo regional se rebela contra o estilo acadêmico, busca uma fala próxima a do cotidiano, abandonando também o que consideram a falsidade da linguagem modernista, sua artificialidade. Uma tentativa de fazer a linguagem voltar a ser expressão do real, de reestabelecer

⁶ Poeta nascido em Minas Gerais (1945).

o vínculo direto entre homens e coisas, de traçar um mundo que fosse imagem direta da realidade, em que tudo parece visível e donde emanasse um sentido de imediato [...].

2.2 A poesia no contexto da Literatura regional

O romance social nordestino expresso na linguagem coloquial apresenta historicidade nos fatos narrados constituindo, na maioria das vezes, uma obra híbrida que relaciona fatos e interpretações do autor com real e a produção ficcional. O intuito do autor é a denúncia da disparidade social, agravada por fatores climáticos. E, ao mesmo tempo, essa poesia nordestina tem o poder de externar as raízes da nossa região.

A Literatura regionalista é apontada como uma tendência surgida a partir de 1930, com obras que mostram o nordeste como principal vítima do processo de desenvolvimento capitalista. Juvenal Galeno, no entanto, já escrevia ficção regionalista sertanista em 1871; percebemos que apesar dessa demarcação literária, as formas de narrativa populares já estavam em voga desde o século XIX, recriando a vida e sua complexidade.

Na terceira edição do livro *Cenas Populares*, já citado, há uma carta de José de Alencar, com data de 31 de março de 1872. Nessa carta José de Alencar, considerado um dos pioneiros do regionalismo, elogia a originalidade da literatura pátria de Juvenal Galeno. Segundo ele, não há literatura regional igual nem em províncias mais ricas e adiantadas em progresso material. Essa carta foi estampada no livro *Cenas Populares* pela editora para reafirmar a aceitação do estilo regionalista de Juvenal Galeno.

Na História da Literatura produzida na academia brasileira o nordeste aparece como precursor do regionalismo. Os dramas da região nordestina por consequência da seca; a exploração do homem pelo homem; os latifúndios e a religião são alguns dos temas presentes na escrita das peculiaridades do nordeste. Esses poemas multifacetados possuem intertextualidades. Não tratam apenas da seca pela falta de chuva, tratam também dos males que secam a humanidade, tais como as relações de poder, interesses político, desigualdade social, regional e por vezes até racial, entre outras muitas possibilidades de narrar a leitura feita pelos poetas sobre o nordeste.

É provável, por se tratar de contexto recorrente, que em qualquer narrativa sobre a região nordeste apareça a temática da seca em toda sua complexidade. Essa característica fez-se presente mesmo antes da existência do próprio termo Nordeste:

O termo nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras contra as Secas (IFOCS), criada em 1919. Nesse discurso institucional o nordeste surgiu como a parte do norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito desse fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante dessa área. (ALBUQUERQUE Jr., 2006, p. 68)

Norte e Nordeste, por isso, deixaram de ser sinônimo, o Nordeste ganhou seu significado próprio, embasado no problema da seca. As produções literárias dessa região externam suas especificidades ao mesmo tempo em que contribuem para a perpetuação de estereótipos. A figura da família nordestina flagelada caminhando sobre o solo poeirento torna-se a imagem do nordeste. Os discursos literários e não literários produzidos inclusive pelos próprios nordestinos contribuíram para a formação de conceitos generalizadores sobre o nordeste e seus habitantes.

A notoriedade do tema da seca nordestina deve-se às experiências históricas que caracterizava esse espaço. Em meio às essas experiências de sofrimento e pobreza, a seca está sempre presente no cotidiano dos nordestinos. O uso do termo *invenção do nordeste* empregado por Albuquerque Jr., soa estranho à primeira vista, mas começa a fazer sentido quando pensamos o nordeste não só como região, mas como uma identidade que foi construída pelos próprios habitantes por meio da comunicação, entre elas estando a música; a literatura; as produções cinematográficas, e também acadêmicas.

Cante lá que eu canto cá de Patativa do Assaré, é, portanto, um discurso cultural que se junta a muitos outros e constitui essa imagem do nordeste, ainda que estereotipada e por vezes mal compreendida. Quem melhor para falar do nordeste que o próprio nordestino, com a vivência das manifestações culturais da região.

3 TERRAS ALHEIAS, OUTROS COSTUMES

Os costumes e tradições são construídos paulatinamente e perpetuados pela transmissão oral ou pela escrita. É comum a resistência à reforma de algo que faz parte da nossa maneira de viver. Dialogando com Thompson (1998, p. 19) percebemos que as inovações são melhor recebidas na classe dominante. No meio popular as mudanças tendem a ser encaradas como opressão. Esse raciocínio nos leva a considerar os conflitos gerados pela presença dos retirantes na capital cearense e em outros estados, visto que a migração nos períodos de seca possuía destinos variados, como observa Patativa do Assaré em *Emigrante Nordestino no sul do país*:

*Ante tanta consequência,
Viajem pelas estradas
Tangidas pela indigência
Famílias abandonadas,
Deixando a céu lindo azul,
Algumas vão para o sul,
Outras para o maranhão,
Cada qual com sua Cruz,
Se valendo de Jesus
E do Padre Cícero Romão (PATATIVA DO ASSARÉ, 2011, p. 326).*

As famílias de retirantes emigravam para onde consideravam ser possível encontrar meio de sobrevivência. Desde a grande seca de 1877/79, era apontada como solução para o problema da fome, “[...] a transferência destes retirantes para o Pará e o Amazonas [...]” (NEVES. *In*: SECA, 2002, p. 89).

A seca empurrou os agricultores do nordeste para as cidades grandes e desenvolvidas economicamente. Essa migração, no entanto, gerou uma série de conflitos culturais entre os recém-chegados e os moradores das cidades, os que ali sempre viveram. A rusticidade campestre versus a modernidade era motivo suficiente para tensões. Os momentos de maior estiagem eram também os de maiores conflitos culturais e sociais. Os transtornos eram causados principalmente por causa da grande quantidade de flagelados que desembarcavam nas cidades.

Muitos homens acostumados a labuta do campo, chegavam à cidade sentindo o forte impacto do processo de mudança. Sua inserção na cidade constituiu uma modificação brusca, com dimensões culturais e sociais. Além da falta de assistência e do desamparo, a imposição da mudança de hábitos constituiu um obstáculo na vida dos agricultores. O poema *Emigrante nordestino no Sul do País*, de Patativa do

Assaré, *salienta* essa percepção dos nordestinos flagelados com relação aos costumes alheios:

*Leitor veja o grande azar
Do nordestino emigrante
Que anda atrás de melhorar
Da sua terra distante.
Nos centros desconhecidos
Depressa vê corrompidos
Os seus filhos inocentes,
Na populosa cidade
De tanta imoralidade
E costumes diferentes* (PATATIVA DO ASSARÉ, 2011, p. 324).

Nesse mesmo poema Patativa do Assaré atenta para a marginalização dos retirantes instalados na cidade. A forma de viver urbana representa o risco de mudanças de comportamento dos jovens:

*A sua filha querida
Vai por uma iludição
Padecer prostituída
Na vala da perdição.
E além da grande desgraça
Das privações que ele passa
Que lhe fere e que lhe inflama
Sabe que é preso em flagrante
Por causa insignificante
Seu filho a quem tanto ama* (PATATIVA DO ASSARÉ, 2011, p. 324).

A violação de seus valores é, segundo o poema, algo tão doloroso quanto a própria fome; o nordestino se vê diante da destruição da sua família, marginalizada e desamparada. De acordo com o poema o contato com os costumes urbanos significou para a família retirante o fim de sua estabilidade cultural.

Walney Sarmiento (1984, p. 144) no entanto, encarou de outra maneira a modificação dos costumes de vida dos migrantes nordestinos. Para ele, todo o processo de mudança foi natural já que “os antigos moradores do campo não se deixaram prender a um tradicionalismo rígido. Pelo contrário, eles são capazes de aceitar um novo estilo de vida”. Esse novo estilo de vida até pode ter sido aceito, mas vale ressaltar que esse não foi um processo fácil, citadinos e retirantes eram culturalmente diferentes.

3.1. Os retirantes na contramão do progresso

Os flagelados da seca cearense partiam com destinos variados, entre eles a própria capital do estado que, a exemplo de outras, vivia em 1932 as mais altas

aspirações de progresso. Esse choque cultural não foi sentido apenas pelos imigrantes; a população da cidade também se sentia prejudicada com os costumes antiquados trazidos pelos retirantes.

Desde fins do século XIX Fortaleza estava guiada por novos padrões de comportamento urbanos. Tanísio Vieira indica uma prática simples mas que representou um estímulo para a população adaptar-se às novas regras de civilidade. Trata-se da implantação de um espelho na sala das casas. Este espelho seria o instrumento pelo qual cada membro da família poderia policiar-se diante de sua própria imagem, lembrando-se de agir sempre em conformidade com as exigências sociais. A padronização do espelho é entendida por Tanísio Vieira como a simultânea padronização do sujeito:

Quando os camaristas aprovaram o artigo nº 07 do código de 1867, padronizando os espelhos a serem colocados nas salas das casas, provavelmente objetivavam padronizar também o sujeito dono da imagem que se refletia. Um significativo processo de mudanças estava em curso: ao ordenar a criação de uma 'nova' imagem para as pessoas, os códigos de posturas pressupunham que as ações individuais influenciavam no cotidiano coletivo. (VIEIRA. In: SECA, 2002, p. 23)

As atitudes em desconformidade com as normas da *urbe* não seriam mais aceitas. Havia padrões para regulamentar desde pequenas ações às construções das casas, que deveriam combinar com a pavimentação das principais ruas e com os novos prédios públicos, pois “não havia mais lugar para construções e comportamentos considerados marginais.” (VIEIRA. In: SECA, 2002, p. 25)

Nesse contexto, a figura do retirante representava o oposto da aspiração de progredir. O flagelado constituía a memória do atraso e uma ameaça à segurança e à saúde pública. Para além dessa análise superficial, os retirantes representavam também mão-de-obra com baixo custo para o trabalho de desenvolvimento e construção da capital cearense.

Os projetos de construção de prédios mais modernos e imponentes estavam diretamente ligados ao ideal de progresso. José Olivenor (OLIVENOR. In: SECA, 2002, p. 66) observa que desde a grande seca de 1877 havia o aproveitamento do trabalho dos retirantes, eles construíam e restauravam igrejas; catedrais; cemitérios; câmaras municipais; açudes, entre outros empreendimentos. Esses projetos serviam

como mão-de-obra para empreendimentos urbano ao mesmo tempo em que cumpria o papel assistencial aos retirantes. Os maiores empreendimentos no ramo da construção foram realizados em anos de grandes secas, como em 1877, em 1915 e em 1930. Segundo Kênia Rios (2001, p. 24): “Tudo indica que foi na seca de 1877/79 que essa prática começou a ganhar fôlego.” Com base em estudos de noticiário da época Kênia Rios atenta para investimento no progresso urbano de Fortaleza:

Os pedidos de obras para a cidade eram abundantes e raramente ficavam frustrados. A intensa utilização da mão-de-obra flagelada, dava mais impulso ao progresso urbano de Fortaleza. A cidade convivia com uma das maiores secas do século XX, entretanto, seus jornais não hesitavam em afirmar: ‘Fortaleza é uma das capitais mais progressista do Norte e quiçá do país inteiro’. (Gazeta de Notícias, 22/06/33). Em várias ocasiões, os jornais anunciavam seu embelezamento urbano (RIOS, 2001, p. 23).

A migração dos flagelados do interior rural para a cidade, apesar de indesejada, representava também a oportunidade de mão-de-obra a baixo custo nas novas construções. Quando a migração era muito intensa nem mesmo as obras podiam empregar o número de desalojados. Outras medidas foram colocadas em prática para conter os flagelados e proteger de agressões o patrimônio e a elite.

3.2 As construções do Governo

Campos de Concentração era o nome dos grandes terrenos cercados, projetados pelo poder público com o intuito de manter os retirantes isolados e afastados do centro de Fortaleza. No poema de Patativa do Assaré os *Campos de Concentração* são denominados de *Construções do governo* e expressão a perspectiva popular quanto ao recurso implementado pelo governo:

O- Outro tem opinião
De deixar mãe, deixar pai,
Porém para o sul não vai,
Vai bater no Maranhão
Onde nunca falta inverno; [chuva]
Outro com grande consterno
Deixa o casebre e a mobília
E leva a sua família
Pra construção do governo.

*P- Porém lá na construção,
O seu viver é grosseiro
Trabalhando o dia inteiro
De picareta na mão.
Pra sua manutenção
Chegando o dia marcado,
Em vez do seu ordenado
Dentro da repartição,
Recebe triste ração,
Farinha e feijão furado.*

*Q- Quem quer ver o sofrimento,
Quando há seca no sertão,
Procura uma construção
E entra no fornecimento.
Pois, dentro dele o alimento
que o pobre tem a comer,
a barriga pode encher,
Porém falta a substância,
E com esta circunstância,
Começa o povo a morrer (PATATIVA DO ASSARÉ, 2011, p. 312).*

Os Campos de Concentração, no poema *ABC do Nordeste flagelado*, são caracterizados como lugares de sofrimento; o flagelado não estava satisfeito com a estadia nem com a comida servida nesses lugares. A palavra *ração* empregada no poema para designar a comida, está relacionada ao sentimento que os flagelados tinham de estarem sendo tratados como animais. Kênia Rios (2001, p. 68) afirma:

Outro aspecto relevante é o nome com o qual os flagelados batizaram os Campos de Concentração. Chamavam de Curral do Governo. Na vivência do mundo rural, o sertanejo sabe que o gado precisa ser encurralado para não fugir. O curral é uma prisão. Mais do que isso: é uma prisão de animais. O Campo não era, portanto, um lugar para gente. Era uma prisão que tratava os seres humanos como bichos. Na memória de muitos sertanejos, o curral foi mais um caso que explicitava a forma cruel pela qual o Governo costumava, e ainda costuma, assistir os despossuídos.

Kênia Rios (RIOS. *In: SECA*, 2002, p. 122), salienta que os *Campos de Concentração* construídos no Ceará para abrigar os flagelados da seca de 1932, foram erguidos em pontos estratégicos, nas proximidades das Estações Ferroviárias, dessa maneira os retirantes ficavam retidos nos *Campos de Concentração* antes de chegar à capital. Todavia, se algumas famílias retirantes conseguissem chegar aos arredores da Capital cearense, encontrariam por lá mais dois *Campos de*

Concentração. No total eram sete *Campos de Concentração* onde milhares de retirantes morriam de fome e doenças.

3.3 Há razão para *recramá*

O sentimento de abandono levou muitos flagelados da seca de 1932 aos jornais cearenses, com a esperança de que seus relatos conscientizassem as autoridades e a população rica. Analisando os pedidos de ajuda feitos pelos retirantes aos jornais, Kênia Rios (2001, p. 16) salienta: “Ao que parece, os flagelados entendiam que a publicização do sofrimento singularizado intensificava as medidas de assistência e caridade” O jornal com sua capacidade de divulgação expressava e denunciava as mazelas ao mesmo tempo em que servia de instrumento de reivindicação.

Patativa do Assaré, em seu poema *Brasi de cima e Brasi de baixo* mostra como a denúncia nos jornais era importante para o povo:

*Sofre o povo privação
Mas não pode recramá,
Ispondo suas razão
Nas coluna do jorná. [...] (PATATIVA DO ASSARÉ, 2011, p. 271).*

As cidades representavam para o retirante a solução para a fome causada pela seca, por isso, os sertanejos do interior buscavam asilo não só na capital cearense, mas também em outras cidades. No Ceará as estradas de ferro constituíam o meio mais rápido para a fuga da seca de 1932. Segundo Kênia Rios (2001, p. 10) as ferrovias deveriam representar o progresso comercial e industrial de Fortaleza, mas acabaram servindo como veículo de fuga para milhares de flagelados. O Problema era a falta de assistência à quantidade de retirantes que chegava diariamente à capital. Fortaleza não estava preparada para receber tantas famílias oriundas do interior, nem tão pouco atender às suas necessidades e expectativas.

A reação dos retirantes mediante a fome e a falta de assistência na cidade era, na maioria das vezes, o roubo de alimentos. O poema *Emigrante nordestino no sul do país*, também traz o saque como ação recorrente praticada pelos retirantes:

*Cheia de necessidade
Sem rancor e sem malícia
Entra a turma na cidade
E sem temer a polícia
Vai falar com o prefeito.*

*E se ele não der um jeito,
Agora o jeito que tem
É os coitados famintos
Invadirem os recintos
Da feira e do armazém (PATATIVA DO ASSARÉ, 2011 p. 324).*

Os saques e as invasões eram eventos que dividiam a opinião das pessoas, sobretudo porque “os ricos ameaçados pelos saques sempre utilizavam a fome como princípio legitimador dos roubos e assaltos coletivos” (RIOS, 2001, p. 85). A condição do saqueador causava certa comoção na sociedade com valores civilizados:

A burguesia comercial do Ceará, em 1932, reconhecia em certo sentido, a legitimidade dos saques. A condição de extrema miséria tornava os roubos e assaltos relativamente justificados pelos ricos. A fome estava sempre presente nos discursos desses grupos que se mostravam preocupados com a reação violenta dos flagelados. Temiam, exigiam medidas, mas não esqueciam de acrescentar que a fome era impulsionadora das transgressões [...] (RIOS, 2001, p. 35).

Os ricos exigiam do poder público medidas para o problema da fome dos flagelados principalmente porque temiam. O medo de ataque levavam os cidadãos a reivindicarem junto com retirantes por alojamento, comida e trabalho. Os motivos para as reivindicações das classes obedeciam a interesses diferentes, os retirantes queriam pão e teto e os ricos queriam sossego e limpeza nas ruas da capital. Frederico de Castro Neves, (2001, p. 114) ressalta o interesse do Estado em resolver a fome e a mendicância dos retirantes, para ele, a assistência governamental aos retirantes na seca de 1932, é resultado da mudança política ocorrida no país após a *Revolução de 30*. As ações das multidões deveriam ser contidas para que a nova ordem pública não fosse ameaçada.

Os motins, revoltas e saques são ações comuns a quem está impossibilitado de suprir a mais básica das necessidades humanas. Mas sob quais pontos de vista essas ações são corretas? Conforme Thompson:

[...] Nem a rebelião precisa ser a única ou a mais óbvia forma de ação coletiva – pode haver alternativas, como petições em massa junto às autoridades, jejuns, sacrifícios e orações, inspeções até a casa dos ricos ou a migração de aldeias inteiras (THOMPSON, 1998. p. 206).

A sedição poderia até não ser a melhor sugestão para controlar a fome, mas as demais alternativas mostraram pouco ou nenhum efeito. A aparição nos jornais, as orações fervorosas, e as inspeções eram realizadas simultaneamente aos motins, mesmo que isso causasse ainda mais repulsa na população rica e no governo. Ainda sobre a análise de Thompson (1998. p. 207), que afirma: “[...] a verdadeira penúria (quando não existe nenhum estoque de alimentos) raramente se faz acompanhar de atos de protestos, pois há poucos alvos racionais para os amotinados.” A ação de rebelar-se seria, sob essa ótica, uma comprovação de que os retirantes ainda tinham esperança de melhoria de vida, por isso não se deixaram morrer passivamente.

A morte passiva ocorreu em algumas situações, um exemplo disso foi a morte de uma filha Patativa do Assaré em 1932. Esse acontecimento verídico fez com que Patativa do Assaré escrevesse um poema em homenagem a sua filha falecida, em *A morte de Nanã*⁷ sentimentos como revolta e impotência e abandono são reunidos. Estrategicamente Patativa do Assaré divide o poema em três partes: na primeiro Nanã é caracterizada como uma criança saudável, era o orgulho do pai; na segunda parte Nanã perde sua saúde, a fome lhe enfraquece e causa sua morte. E finalmente a terceira parte configura-se pela busca por explicações para o abandono e para a tragédia. A culpa foi atribuída ao dono do latifúndio por ser ele a pessoa mais próxima com condições para evitar a morte da criança.

A morte de Nanã traz uma representação da tristeza carregada de ressentimentos e inconformismo. O canto triste do pássaro Patativa do Assaré reforça algo que as autoridades e a população já devem saber, que os pequenos agricultores nordestinos tinham (tem) *razões para recramá*:

*Mas, nesse mundo de Cristo,
Pobre não pode gozá.
Eu, quando me lembro disto,
Dá vontade de chorá,
Quando há seca no sertão,
Ao pobre farta feijão,
Farinha, mio e arrôis.
Foi isso que aconteceu:
A minha fia morreu,
Na seca de trinta e dois. (Patativa do Assaré, 2011, p. 39)*

⁷ Vide em anexo

Esse fragmento do poema *A morte de Nanã* mostra a gravidade dos efeitos da seca para quem não migrou. Os recursos naturais tornaram-se escassos, o plantio foi inútil porque as sementes não podiam germinar no solo seco. Nessas condições a sobrevivência torna-se difícil para todos, porém é ainda mais penosa para as crianças e os idosos.

4 CONCLUSÃO

Ao percebermos o impacto que o fenômeno da seca causou e causa no nordeste sentimos a necessidade de problematizar esse fenômeno não apenas mediante textos acadêmicos mas também através das poesias de Patativa do Assaré. Entendemos que todas as manifestações culturais dessa região constituíram discursos que refletem na percepção da identidade nordestina. Elegemos, por isso, a Literatura popular produzida por um notável nordestino como o ponto de apoio para criar uma nova interpretação a respeito da História da seca de 1932. As narrativas do cearense Patativa do Assaré foram fundamentais para alcançarmos nosso objetivo de analisar as relações e reações dos habitantes do interior e da cidade frente ao infortúnio da seca.

Migrações, motins e saques são alguns dos elementos entendidos como uma maneira de identificar os nordestinos como produtores e atuantes do seu processo histórico. Esse raciocínio nos leva a compreender como os nordestinos lidaram com os efeitos da seca e, principalmente, como suas atitudes foram registradas pelo poeta Patativa do Assaré e por historiadores.

Ler sobre as medidas tomadas pelo poder público para combater ou amenizar o efeito da seca também permitiu um debate importante com a Literatura popular e os textos de História, pois nos conduziu a estudos sobre os *Campos de concentração*, locais de enfrentamentos culturais provocados por motivos diversos que foram causadores de transformações profundas no modo de vida dos citadinos e dos interioranos. A ocorrência da seca e a complexidade de ações humanas provocadas por ela constituiu, nesse estudo, o foco do estudo das variadas formas de relações e sentimentos registrados em textos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BARREIRA, César. **Trilhas e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- DECCA, Edgar Salvadori de; LEMAIRE, Raymond (Org.). **Pelas margens: outros caminhos da história da literatura**. Campinas; Porto Alegre: UNICAMP; EDUFRJ, 2000.
- GALENO, Juvenal. **Cenas populares**. 3. ed. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1969.
- GALENO, Juvenal. **Lendas e canções populares**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
- GAY, Peter. **O estilo na História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- LE GOFF, Jacques Pierre Nora. **História: novos problemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
- LUCAS, Fábio. **Do Barroco ao Modernismo: vozes da literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1989.
- NEVES, F. de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na Era Vargas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 40, p. 107-131, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid>>. Acesso em: 20 mar. 2015.
- RIOS. Kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na Seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secut-CE, 2001.
- SARMENTO, Walney Moraes. **Nordeste: a urbanização do subdesenvolvimento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUZA, Simone de. NEVES, Frederico de Castro. (Org.). **Seca**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- SPINA, Segismundo. **A lírica trovadoresca**. São Paulo: EdUSP, 1996.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular e tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ANEXOS

O vaqueiro

*Ai, vida qu'eu levo por montes e vales,
 Catingas e grotas eu vou campear;
 E após descansando, cercado dos
 filhos,
 E junto à consorte nos gozos do lar!
 A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me cantar.*

*De vestia e perneiras, chapéu, guarda
 peito,
 De peles curtidas... que lindo trajar!
 Com minha guiada, - Montando o
 ginete,
 A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me cantar.*

*Eu vou-me às campinas, por entre os
 mocambos,
 Saltando os barrancos não torço a
 correr!
 Assim campeando meu gado visito,
 Sorrindo aos perigos sem nunca
 temer!
 A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me dizer.*

*Assim campeando... se encontro, se
 vejo,
 A rês mais arisca de todo sertão,
 Eu boto o cavalo... fechada a carreira,
 Veloz o ginete mal pisa no chão! ...*

*Da vida qu'eu levo,
 Ouvi-me a canção.*

*Eu boto o cavalo... que sente as
 esporas,
 E assopra e se escanCHA nos rastos
 da rês...
 Ardente... brioso... sedento de
 glórias...
 Por altos e baixos correndo por três!
 A vida qu'eu levo
 Ouvi-me esta vez.*

*Então nas catingas, rompendo
 espilheiros,
 Saltando os valados... qual passa o
 tufão,
 Que louca vertigem... que fogo no
 peito...
 Té o céu desafio no meu campeão!
 Da vida qu'eu levo
 Ouvi-me a canção.*

*Que louca vertigem! Por entre mil
 trancos,
 Fugindo aos embates... irado a gritar...
 O galho do mato de um pulo
 salvando...
 Caindo na sela... sem nunca parar!
 A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me cantar.*

Por fim na carreira, se a rês
 derrubando,
 É minha a vitória... vencida a
 contemplo;
 Quem tudo duvida... que venha isto
 ver!
 A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me dizer.

Assim nestes campos campeio
 orgulhoso,
 Por entre os perigos,- que fero lidar!
 Depois- quase sempre ferido e
 rasgado,
 A casa procuro... lá vou descansar.
 A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me cantar.

A casa voltando... que doce carinho
 Da meiga consorte do meu coração!
 A história do campo lhe conto soberbo,
 E ela me escuta... qu'extrema afeição!
 Da vida qu'eu levo,
 Ouvi-me a canção.

E ela me escuta... dizendo:- "Que
 louco!
 Feriu-se rasgou-se... Me queres
 matar!"
 Talvez lá consigo dizendo:- "Que
 bravo!

Não há quem te vença... mas sei se eu
 te amar!"

A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me cantar.

E junto a morena, meu sonho,
 minh'alma,
 Os filhos saltantes contentes a rir!
 - Papai também quero correr lá no
 campo...

- Papai a mimosa queria fugir...
 A vida qu'eu levo,
 Ai, vinde-me ouvir.

Depois, descansado, me traz a
 consorte
 O queijo... e a coalhada, que apraz-me
 cear;

Depois ao seu lado na rêde...ditoso,
 Ou a onça matreira no campo a
 esperar.
 A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me cantar.

Assim esta vida! ... Se é tempo de
 inverno,
 Bem sedo nós vamos o leite tirar,
 E após o almôço...que faça ela os
 queijos,
 Qu'eu saio a cavalo, que vou campear.
 A vida qu'eu levo,
 Ouvi-me cantar.

*Se é tempo de sêca, que longas
fadigas,
Abrindo as cacimbas pra o gado
beber!
As ramas cortando, que a rês me
suplica
Num berro mais triste que o triste
gemer!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.*

*Porém que ventura no dia da ferra!
Marcando os bezerros que eu soube
ganhar,
Ai, pelos filhinhos reparto os
melhores...
E o amo sorri-se... talvez a invejar!
A Vida qu'eu levo
Ouvi-me cantar.*

*Se é tempo de feiras... se levo a
boiada,
Ai, quanta saudade, que prantos
então!
Na volta... que mimos! Ao filho uma
gaita,
À esposa uma saia com seu cabeção!
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.*

*Assim esta vida no êrmo dos campos,
As lidas, os gozos do meu bem querer;
Aqui eu sou livre, não sinto cuidados,
Aqui tenho glórias, amor e prazer!
A vida qu'eu levo,
Deixai-me viver! (GALENO, 1965, p.
48)*

O vaquêro

*Eu venho dêrne menino,
 Dêrne muito pequenino,
 Cumprindo o belo destino
 Que me deu Nosso Senhô.
 Eu nasci pra sê vaquêro,
 Sou o mais feliz brasileiro,
 Eu invejo dinheiro,
 Nem diploma de dotô.*

*Sei que o dotô tem riqueza,
 É tratado com fineza,
 Faz figura de grandeza,
 Tem carta e tem anelão,
 Tem casa branca jeitosa
 E ôtras coisa preciosa;
 Mas não goza o quanto goza
 Um vaquêro do sertão.*

*Da minha eu me orgúio,
 Levo a jurema no embrúio
 Gosto de vê o barúio
 De barbatão a corrê,
 Pedra nos casco rolando,
 Gaios de pau estralando,
 E o vaquêro atrás gritando,
 Sem o perigo teme.*

*Criei-me neste serviço,
 Gosto deste reboliço,
 Boi pra mim não tem feitiço,*

*Mandinga nem catimbó.
 Meu cavalo Capuêro,
 Corredô, forte e ligêro,
 Nunca respeita barsêro
 De unha de gato ou cipó.*

*Tenho na vida um tesôro
 Que vale mais de que o ôro:
 O meu liforme de côro,
 Pernêra, chapêu, gibão.
 Sou vaquêro destemido,
 Dos fazendêro querido,
 O meu grito é conhecido
 Nos campos do meu sertão.*

*O pulo do meu cavalo
 Nunca me causou abalo;
 Eu nunca sofri um galo,
 Pois eu sei me desviá.
 Travesso a grossa chapada,
 Desço a medonha quebrada,
 Na mais doida disparada,
 Na pega do marruá.*

*Se o bicho brabo se acoa,
 Não corro nem fico a toa:
 Comigo ninguém caçoa,
 Não corro sem vê de quê.
 É mêrmo por desaforo
 Que eu dou de chapêu de côro
 Na testa de quarqué tôro
 Que não qué me obedecê.*

*Não dou carrêra perdida,
 Conheço bem esta lida,
 Eu vivo gozando a vida
 cheio de sastifação.
 Já tou tão acostumado
 Que trabaio e não me enfado,
 Faço com gosto os mandado
 Das fia do meu patrão.*

*Vivo do currá pro mato,
 Sou correto e munto izato,
 Por farta de zelo e trato
 Nunca um bezerro morreu.
 Se arguém me vê trabaiano,
 A bezerrama curando,
 Dá pra fica maginando
 Que o dono do gado é eu.*

*Eu não invejo riqueza
 Nem posição, nem grandeza,
 Nem a vida de fineza
 Do povo da capitá.
 Pra minha vida sê bela
 Só basta não fartá nela
 Bom cavalo, boa sela
 E gado pr'eu campeã.*

*Somente uma coisa iziste,
 Que ainda que teja triste
 Meu coração não resiste
 E pula de animação.
 É uma viola magoada,
 Bem chorosa e apaixonada,*

*Acompanhando a toada
 Dum cantado do sertão.*

*Tenho sagrado direito
 De ficá bem sastifeito
 Vendo a viola no peito
 De que toca e canta bem.
 Dessas coisa sou herdêro,
 Que o meu pai era vaquêro,
 Foi um fino violêro
 E era cantado tombém.*

*Eu não sei tocá viola,
 Mas seu toque me consola,
 Verso de minha cachola
 Nem que eu peleje não sai,
 Nunca cantei um repente
 Mas vivo munto contente,
 Pois herdei perfeitamente
 Um dos dote de meu pai.*

*O dote de sê vaquêro,
 Resorvido marruêro,
 Querido dos fazendêro
 Do sertão do Ceará.*

*Não preciso maió gozo,
 Sou sertanejo ditoso,
 O meu aboio sodoso*

*Faz quem tem amô chorá. (PATATIVA
 DO ASSARÉ, 2011, p. 213)*

A morte de Nanã

*Eu vou conta uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô no meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença,
De quem perdeu na isistença
O que mais amou na vida.
Já tou veio, acabrunhado,
Mas inriba deste chão,
Fui o mais afurtunado
De todos fios de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma querida fia,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.
Morreu na sua inocença
Aquele anjo incantadô,
Que foi sua insistença,
A cura da minha dô
E a vida do meu vivê.
Eu beijava com prazê,
Todo dia, demenhã,
Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas, eu chamava Nanã.
Nanã tinha mais primo
De que as mais bonita joia,*

*Mais linda do que a fulô,
De um tá de Jardim de Troia
Que fala o dotô Conrado.
Seu cabelo cachiado,
Preto da cô de viludo.
Naná era meu tesôro,
Meu diamante, meu ôro,
Meu anjo, meu céu, meu tudo.
Pelo terrêro corria,
Sempre sirrindo e cantando,
Era lutrida e sadia,
Pois, mesmo se alimentando
Com feijão, mio e farinha,
Era gorda, bem gordinha
Minha querida Nanã,
Tão gorda que reluzia.
O seu corpo parecia
Uma banan-maçã.
Todo dia, todo dia,
Quando eu vortava da roça,
Na mais compreta alegria,
Dentro da minha paióça
Minha Nanã eu achava.
Por isso, eu não invejava
Riqueza nem posição
Dos grande deste país,
Pois eu era o mais feliz
De todos fio de Adão.
Mas, neste mundo de Cristo,
Pobre não pode gozá.
Eu, quando me lembro disto,
Dá vontade de chorá,
Quando há seca no sertão,*

*Ao pobre farta feijão,
Farinha, mio e arrôis.
Foi isso o que aconteceu:
A minha fia morreu,
Na seca de trinta e dois.
Vendo que não tinha inverno,
O meu patrão, um tirano,
Sem teme Deus nem o inferno,
Me deixou desengano,
Sem nada mais me arranjà.
Teve que se alimentá,
Minha querida Nanã,
No mais penoso matrato,
Comendo caça do mato
E goma de mucunã.
E com as braba comida,
Aquela pobre inocente
Foi mudando a sua vida,
Foi ficando deferente.
Não sirria nem brincava,
Bem pôco se alimentava
E inqunato a sua gordura
No corpo diminuía,
No meu coração crescia
A minha grande tortura.
Quando ela via o angu,
Todo dia demenhã,
Ou mesmo o roxo beju
Da goma de mucunã,
Sem a comida querê,
Oiava pro dicumê,
Depois oiava pra mim
E o meu coração doía,*

Quando Nanã me dizia:

Papai, ô comida ruim!

Se passava o dia intêro

E a coitada não comia,

Não brincava no terrêro

Nem cantava de alegria,

Pois a farta de alimento

Acaba o contentamento,

Tudo destrói e consome.

Não saía da tipoia

A minha adorada joia,

Infraquecida de fome.

Daqueles oio tão lindo

Eu via a luz se apagando

E tudo diminuindo.

Quando eu tava reparando

Os oinhos da criança,

Vinha na minha lembrança

Um candiêro vazio

Com uma tochinha acesa

Representando a tristeza

Bem na ponta do pavio.

E, numa noite de agosto,

Noite escura e sem luá,

Eu vi cresce meu desgosto,

Eu vi cresce meu pena,

Naquela noite, a criança

Se achava sem esperança.

E quando vêi o rompê

Da linda e risonha orora,

Fartava bem pôcas hora

Pra minha Nanã morre.

*Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
aquela cena de horrô
Que o rico nunca assistiu,
Só eu e minha muié,
Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro maguado
Com o seu rosto moiado
Das águas do amô materno.
E, enquanto nós assistia
A morte da pequenina,
Na manhã daquele dia,
Veio um bando de campina,
De canaro e sabiá
E começaro a cantá
Um hino santificado,
Na copa de um cajuêro
Que havia bem no terrêro
Do meu rancho esburacado.
Aqueles passos cantava,
Em lovô da despedida,
vendo que Nanã dexava
As misera desta vida.
Pois nã havia recurso,
Já tava fugindo os purso.
Naquele estado misquinho,
la apressando o cansaço,
Seguido pelo compasso
Da musga dos passarinho.
Na sua pequena boca
Eu vi os laibo tremendo
E, naquela afrição lôca,*

*Ela também conhecendo
Que a vida tava no fim,
Foi regalando pra mim
Os tristes oincho seu,
Fez um esforço ai, ai, ai,
E disse: “abença, papai !”
Fechô os oio e morreu.
Enquanto finalizava
Seu momento derradêro,
Lá fora os passo cantava,
Na copa do cajuêro.
Em vez de gemido e choro,
As ave cantava em côro.
Era o bendito prefeito
Da morte do meu anjinho.
Nunca mais os passarinho
Cantaro daquele jeito.
Naná foi, naquele dia,
A Jesus mostra seu riso
E omentá mais a quantia
Dos anjo do Paraíso.
Na minha maginação,
Caço e não acho expressão
Pra dizê como é que fico.
Pensando naquele adeus
E a curpa não é de Deus,
A curpa é dos home rico.
Morreu no maió matrato
Meu amô lindo e mimoso.
Meu patrão, aquele ingrato,
Foi o maió criminoso,
Foi o maió assarsino.
O meu anjo pequenino*

*Foi sacudido no fundo
Do mais pobre cimitero
E eu hoje me considero
O mais pobre deste mundo.
Saluçando, pensativo,
Sem consolo e sem assunto,
Eu sinto que inda tou vivo,
Mas meu jeito é de defunto.
Invorvido na tristeza,
No meu rancho de pobreza,
Toda vez que eu vou rezá,
Com meus juêio no chão,
Peço em minhas oração:*

Nanã, venha me busca ! (ASSARÉ, 2011, p. 38)



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, Jamilla Granja do Vale,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A história da seca na poesia de
Patativa do Assaré
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 30 de novembro de 2015.

Jamilla Granja do Vale
Assinatura

Jamilla Granja do Vale
Assinatura